

# OS LETRAMENTOS DIGITAIS E SUA INTERFACE COM O ENSINO DE LÍNGUAS: EMPODERAMENTO E CIDADANIA NA WEB<sup>1</sup>

Ana Paula D. BALADELI  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Aparecida de J. FERREIRA  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**RESUMO:** O artigo discute as apropriações que os diferentes sujeitos e grupos tem feito da web para a realização de práticas de letramento e, para isso fundamenta-se no aporte teórico dos novos estudos do letramento (NEL) conforme (STREET, 1995, 2003; LANKSHEAR, KNOBEL, 2007). Parte-se do pressuposto que a web 2.0 tem desencadeado mudanças socioculturais significativas no que refere ao acesso à informação; à construção e divulgação de conhecimento e também no que diz respeito à natureza das interações sociais. Dessa forma, objetiva-se com as reflexões apresentadas evidenciar os letramentos digitais como práticas sociais emergentes e relevantes para uma educação cidadã e do empoderamento dos sujeitos (STREET, 2003; ROSENBERG, 2010). Sendo assim, ao refletirmos sobre os usos da linguagem na web e a apropriação desta por sujeitos comuns que se mobilizam entorno de interesses variados, pretendemos desencadear reflexões teórico-práticas rumo ao letramento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** letramento crítico; letramentos digitais; empoderamento.

**ABSTRACT:** *This paper discuss the appropriation of different subjects and groups are doing from the web to do literacies practices and for this purpose we based on theory of new literacies studies (NLS) according (STREET, 1995, 2003; LANKSHEAR, KNOBEL, 2007). We start from that web 2.0 set off meaningful sociocultural changes related to the access to information; building and spreading knowledge and in respect to the nature of social interaction. Thereby, the objective is highlight with the reflections the digital literacies as emergent social practices and relevant to citizen education and empowerment of the people (STREET, 2003; ROSENBERG, 2010). So, reflect upon language uses on the web and the ownership of ordinary people that join forces to different interests, we intend to set off reflections theoretical-practical toward to critical literacy.*

**KEYWORDS:** *critical literacy; digital literacies; empowerment.*

## **Introdução**

No cenário de crescente expansão e popularização das tecnologias, com destaque às digitais, o que se observa é o surgimento de formas alternativas de discurso que, ao adotarem as funcionalidades tecnológicas, instauram nova sociabilidade por meio de outras práticas de letramentos (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007; ROSENBERG, 2010; GEE, HAYES, 2011). Consequentemente, os usos da *web* para os diferentes propósitos fazem com que aumente a necessidade de desenvolvermos habilidades para a leitura no ambiente virtual. Segundo Rosenberg (2010), para poderem usufruir da Internet e atuarem de forma crítica os sujeitos precisam desenvolver certas habilidades que garantam melhores condições tanto para interpretar e avaliar discursos, quanto para produzir sentido.

---

<sup>1</sup> Agradeço o apoio financeiro da CAPES na elaboração da Dissertação de Mestrado em Letras que desencadeou as reflexões contidas neste trabalho.

Dessa forma, assumindo a relevância que os nossos discursos tem ao serem reproduzidos em diferentes modalidades da linguagem, destacamos ainda como emergente repensar o contexto de ensino e aprendizagem de línguas num cenário cada vez mais mediado por práticas de letramentos digitais, este que fomentam a construção e veiculação de discursos plurais (GEE, HAYES, 2011; HOCKLY, 2012).

Conforme as pesquisas de Street (1995, 2003); Lankshear e Knobel (2007); Lankshear, Snyder, Green (2000), em face às diferentes práticas sociais de leitura e escrita, o termo letramentos no plural apresenta-se mais adequado para referir-se aos novos usos da linguagem e às apropriações particulares que cada grupo faz dela, questão latente no contexto dos novos estudos do letramento, aporte teórico que busca desvelar quais práticas de letramento são valorizadas e de que forma essa valorização atravessa as culturas locais.

Para abordarmos a problemática do letramento em tempos de cibercultura e advogarmos a dimensão democrática da rede que conforme Lemos e Lévy (2010) desestabilizam o poder hegemônico dos grandes conglomerados dos quais as mídias de massa fazem parte, fundamentamos nossas proposições nos novos estudos do letramento. Pretendemos articular a discussão do *empowerment* e dos letramentos digitais praticados com o ensino de línguas na escola. Para tanto, revisitamos os conceitos de letramento; letramentos digitais; *empowerment* e problematizamos em que medida essa sociabilidade e acesso à informação no ciberespaço atravessam o ensino de línguas. Assim, ao abordarmos neste trabalho o pressuposto de que essa pretensa democracia engendrada pela apropriação de sujeitos comuns e/ou grupos organizados do ciberespaço podem representar uma espécie de empoderamento, uma vez que, descentraliza a fonte de geração e divulgação de informação e discurso.

### **Cibercultura e educação: novos letramentos**

Segundo Lévy (1999), a cibercultura pode ser definida como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) que, somadas ao ciberespaço (meio de comunicação com base na rede de conexão de computadores) representam novas práticas socioculturais engendradas pelo processo de globalização e de desenvolvimento técnico, científico e tecnológico.

Atualmente, a segunda geração da internet - a *web 2.0* (por meio das redes sociais) instauram novas práticas sociais e, congregam algumas diferenças se comparada a sociabilidades anteriores. Isso porque, nas variadas redes sociais os sujeitos podem interagir, produzir e divulgar discursos de forma anônima, além disso, espaços de autoria como *Blogger* e *Youtube* podem ser utilizados para os mais variados fins; educacionais; comerciais; entretenimento; publicitários; políticos entre outros. Segundo Lemos e Lévy (2010), a *web*, na condição de mídia pós-massiva favorece a participação ativa sujeitos comuns que, no processo de produção de informação, por essa razão, esta tecnologia consolida-se como uma tecnologia democrática uma vez que “[...] permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo sem ter de movimentar grandes volumes financeiros ou ter de pedir concessão a quem quer que seja” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 25).

A *web* tem ainda favorecido na mudança de papéis sociais de sujeitos comuns deixando muitos destes de atuarem como meros expectadores a exemplo de outras mídias e, assume o papel de interlocutores e produtores de informações (LEMOS e LÉVY, 2010; ROSENBERG, 2010). Também a esse respeito Moita Lopes (2010), destaca que a *web 2.0* tem o papel de difundir novos modos de escrita, de leitura e de acesso à informação e, por conseguinte, instaura novos espaços para divulgação de vozes e discursos, “[...] os novos letramentos digitais, pode ser compreendido como espaço de discussão, de reinvenção social, de agenciamento e de transgressão” (MOITA LOPES, 2010, p.394).

Conforme Lankshear, Snyder e Green (2000), diante de novas sociabilidades e formas alternativas para o acesso à informação, a concepção convencional de letramento precisa ser revista já que diante da sofisticação das tecnologias digitais ascende novas práticas de leitura e produção de significado que demandam novas práticas de compreensão multimídia, ou seja, novos letramentos.

Exercer a cidadania perpassa também pelo direito de desbravar outros espaços de acesso à informação que não apenas a escola. A esse respeito Gomez (2004), advoga em favor da alfabetização digital que, segundo a pesquisadora refere-se a uma compreensão crítica das tecnologias digitais já que “[...] a interconexão no ciberespaço não é neutra e manifesta a diferença cultural dos internautas que se atualiza em cada intercâmbio, levando-nos a pensá-la como um novo universal” (GOMEZ, 2004, p. 51)..

Para Gee e Hayes (2011), o letramento pode tanto evidenciar e demarcar o *status* e poder de umas pessoas sobre outras, quanto, servir para desafiar o poder legitimado, contestando o *status* por meio do ativismo político e do engajamento de sujeitos comuns, o que em nossa compreensão reitera o *empowerment* do qual advogamos.

### **Letramento crítico e empowerment**

Numa proposta de educação que se pretenda popular e alinhada à promoção intelectual das classes marginalizadas o *empowerment* – empoderamento, segundo Freire (1996), refere-se à dimensão política e democrática da educação por meio da visibilidade aos excluídos, garantindo assim, o direito de voz a grupos oprimidos. *Empower*, na concepção freiriana, significa dar condições para que a voz de grupos que, nas contradições de uma sociedade de classes acabam usufruindo de forma desigual dos bens sociais e culturais, encontrando-se, portanto, mais dificuldades em verbalizar suas visões de mundo e ideologias. Para o intelectual Freire (1996), a alfabetização seria um caminho para a efetivação do *empowerment* à medida que proporciona aos sujeitos o acesso as letras, à informação e a consciência de sua condição numa sociedade excludente e desigual.

[...] a alfabetização é fundamental para erguer agressivamente a voz de cada um como parte de um projeto mais amplo de possibilidade e de *empowerment*. Além disso, o tema alfabetização e poder não começa e termina com o processo de aprender a ler e escrever criticamente; ao contrário, começa com o fato da existência de cada um como parte de uma prática historicamente construída no interior de relações específicas de poder (FREIRE, MACEDO, 2011, p. 44).

Conforme Freire (1996) e Tfouni (2006), com o acesso desigual dos grupos sociais à participação em uma sociedade letrada, sedimentam-se formações discursivas consideradas mais letradas e relacionadas à escrita que garantem, em tese, maior participação social se comparada a outras que são marginalizadas. Ainda segundo Tfouni (2006), a exclusão causada pela distribuição desarmônica do conhecimento produz exclusão ainda maior quando o sujeito letrado não é alfabetizado, isso porque, as práticas sociais legitimadas numa sociedade grafocêntrica exigem a apropriação do discurso escrito e, de preferência na variedade padrão. Para Tfouni (2006), enquanto a alfabetização diz respeito à aquisição da escrita numa instrução formal, o letramento refere-se à dimensão sóciohistórica imbricada no processo de aquisição da escrita.

Na perspectiva do *empowerment* compreendemos que a interface linguagem e tecnologia desencadeia novas práticas de letramento, estas que exigem outras capacidades de avaliação, de leitura e de interpretação das linguagens cada vez mais híbridas na *web*. Para Lankshear e Knobel (2007), o termo *novos letramentos digitais* diz respeito não ao manuseio da tecnologia em si, mas à capacidade de o sujeito tanto compreender quanto saber usar a informação em múltiplos formatos disponíveis em várias fontes de informação. Os pesquisadores ainda apontam a relevância em se inserir os letramentos digitais na educação como forma de “[...] reconhecer onde e como a natureza e a diversidade dos letramentos digitais podem entrar na aprendizagem e como é possível criar pontes entre o interesse dos alunos e os propósitos educacionais” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007, p. 09).

Nos novos estudos do letramento, doravante NEL, a escrita e a leitura refletem apropriações feitas de forma diferente por grupos sociais, isso porque, mais do que considerar a dimensão linguística e discursiva que diferencia uma prática de letramento de outra, as práticas de letramento são compreendidas a partir da dimensão social a qual estão inseridas. Vale destacar que para os NEL, os letramentos refletem os valores; as crenças; as ideologias e o acesso dos grupos aos bens sociais, culturais e tecnológicos, por essa razão, os letramentos são sempre considerados plurais e atravessados e/ou influenciados pelas relações de poder existentes nos usos do discurso.

Para o antropólogo do King’s College Brian V. Street (2003), “[...] as práticas de letramento referem-se a uma concepção cultural mais ampla de formas particulares de pensar e de realizar a leitura e a escrita” (STREET, 2003, p. 79). A contribuição dos novos estudos do letramento para a educação repousa no fato de que seus pressupostos consideram o contexto sociocultural como fator que influencia sobremaneira na forma como os diferentes grupos sociais utilizam, valorizam e compreendem a leitura e a escrita.

Gomez (2004) também discorre sobre as apropriações da linguagem e da tecnologia pelos variados grupos sociais que numa sociedade excludente tem acesso desigual à tecnologia, sendo necessária a alfabetização digital definida como o “[...] reconhecimento de saberes básicos e à compreensão crítica da realidade, quanto ao aprendizado de conhecimentos de informática para operar computadores conectados em redes” (GOMEZ, 2004, p. 51).

Empoderar, na acepção adotada neste trabalho, significa favorecer o acesso à informação e a novos espaços discursivos na *web*. Segundo o sociólogo Manuel Castells

(2012) em entrevista<sup>2</sup> publicada no site da *revistapontocom* argumenta que a internet pode ser uma ferramenta fundamental para o engajamento de sujeitos e, como se caracteriza pela conexão entre várias redes, não pode ser controlada, apenas vigiada. “A internet é um instrumento de liberdade e de autonomia. O fato é que o poder sempre foi baseado no controle das pessoas, por meio do controle do acesso à informação e à comunicação. Mas isto, com a *web*, acaba. A internet não pode ser controlada” (CASTELLS, 2012, *on line*).

Por ser um espaço ainda pouco explorado pelo professor e pela escola a *web* e os letramentos digitais continuam sendo praticados pelos alunos, até porque, suas relações sociais e seus interesses pessoais em alguma medida perpassam o ciberespaço. Partindo da premissa de que as práticas discursivas sejam na *web* ou fora delas não são homogêneas, em termos educacionais, a perspectiva do letramento crítico permite-nos compreender os usos da linguagem para além dos elementos linguísticos visto que nos possibilita situar as crenças, os valores e os significados construídos no contexto de um dado contexto social. O pretendemos destacar neste texto é que enquanto os letramentos digitais continuarem fora da sala de aula, maiores serão os desafios de o professor empoderar o seu aluno para ser um leitor crítico e saber avaliar a informação na *web*. Por empoderamos asseveramos a formação de leitores e produtores de textos críticos, que tenham condições de produzir sentido aos discursos veiculados nas páginas da WWW e, tenham consciência de que assim como a língua, a tecnologia não é neutra e está sempre a serviço de alguma ideologia.

Na sequência, abordamos o ponto de contato da cibercultura e a educação com base no aspecto do *empowerment* e na dimensão social do letramento.

## **Ensino de línguas e letramentos digitais**

Discorrermos sobre os letramentos digitais implica também considerarmos que o processo de ensino e aprendizagem de línguas, neste caso, de língua inglesa, ganha outras dimensões, tendo em vista o contato consideravelmente amplo do aluno ao idioma fora da sala de aula. Isso significa dizer que o acesso à *web* evidencia que os usos da linguagem variam de um grupo social para o outro, oscilando nos interesses e nos propósitos comunicacionais e mobilizando os usos da língua de forma diferente do que se pratica em sala de aula.

No cenário do ciberespaço, a participação do aluno em situações reais de uso da língua inglesa corrobora o seu desenvolvimento linguístico, discursivo e, conseqüentemente, na sua formação como cidadão, à medida que acessa um volume considerável de informações (GOMEZ, 2004; BALADELI, FERREIRA, 2012). Ao deparar-se com anúncios publicitários; *magazine* e jornais; páginas de fãs-clubes; *homepage* de bandas e artistas; *videoclips* musicais; comunidades virtuais para diferentes temáticas; notícias de esportes e *games* em língua inglesa o aluno pode ampliar seu vocabulário utilizar o idioma em situações concretas, não fictícias. Conhecedoras que somos da realidade da escola pública, sabemos dos entraves encontrados pelo professor para em 2 aulas semanais de 50min ensinar as quatro habilidades na língua; quais sejam; *reading*, *writing*, *listening* e *speaking* para um público de 40 alunos com variados ritmos e interesses de aprendizagem. Por essa razão, assim como Lankshear e Knobel (2007) e

---

<sup>2</sup> CASTELLS, Manuel. O poder tem medo da internet. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/o-poder-tem-medo-da-internet> acesso em 05/07/12.

Hocky (2012) apontamos como emergente aproveitar essas práticas de letramento digitais realizadas pelos alunos em favor de seu desenvolvimento linguístico e discursivo.

Outro aspecto a destacar, diz respeito ao fato de que os alunos que estão inseridos no ciberespaço, indubitavelmente, já utilizam e compreendem a língua inglesa por meio de jogos; da interação em sites de relacionamentos; na busca por informação de algum artista ou atleta ou figura pública, não sendo, portanto, novidade o contato na *web* com discursos em língua inglesa. Como língua internacional, a língua inglesa tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, mas essa proximidade nem sempre é aproveitada, já que no contexto formal de ensino e aprendizagem do idioma os letramentos praticados fora do tempo e espaço da escola nem sempre são valorizados, aumentando assim, o descompasso visível entre o paradigma de ensino e aprendizagem de língua inglesa e as práticas de letramentos dos alunos. Essa realidade está na contramão do que propõe as Diretrizes Curriculares Estaduais para Língua Estrangeira Moderna (PARANÁ, 2008), que asseveram que “[...] é importante que os alunos tenham consciência de que há várias formas de produção e circulação de textos em nossa cultura e em outras, de que existem diferentes práticas de linguagem no âmbito de cada cultura, e que essas práticas são valorizadas também de formas diferentes nas distintas sociedades” (PARANÁ, 2008, p. 59).

### **Considerações finais**

Conforme asseveramos ao longo deste trabalho, os letramentos digitais podem atuar de forma estratégica na promoção do sujeito do comum à medida que favorece o intercâmbio de informação; a instauração de outra sociabilidade e de expressão de si. Todavia, praticar letramentos depende de uma formação adequada para que os alunos possam pesquisar, avaliar e utilizar adequadamente os discursos, sobretudo, quando estes são produzidos em outro idioma. O que procuramos fazer foi destacar as mudanças socioculturais que o uso da tecnologia – *web* pode promover na tradicional aula de inglês.

Dado incontestado, na mesma proporção em que a *web* possibilita a criação, o armazenamento e a edição de informação, esta tecnologia tem despertado o interesse de pesquisadores no que diz respeito aos novos letramentos que, independente da cultura escolar conquistam cada vez mais jovens e crianças. Acreditamos que empoderar o aluno seja um caminho para torná-lo menos passivo, mais autor de seus discursos e mais engajado em projetos de seu interesse. Para tanto, o professor também precisa ser empoderado por meio de uma formação inicial e continuada que contemple a compreensão sobre a trajetória histórica e as mudanças metodológicas que a adoção de qualquer tecnologia na educação exige. Por fim, acreditamos ainda que a dimensão democrática da *web* pode ser utilizada a favor da aprendizagem de língua inglesa e na formação do cidadão que, explora o ciberespaço, avalia os conteúdos e os utiliza em prol do seu empoderamento ou da causa a qual acredita.

### **Referências**

BALADELI, A. P. D.; FERREIRA, A. J. Ciberespaço e educação: proposições acerca dos letramentos digitais. **Imagens da Educação**, v. 2, n. 2, 2012, p. 67-73. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/17086/9349>> Acesso em: 28 jun. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Trad. Lólio L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEE, J. P.; HAYES, E. **Language and learning in the digital age**. Routledge: New York, 2011.

GOMEZ, M. V. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.

HOCKLY, Nicky. Digital literacies. **ELT Journal**, vol. 66, Issue 1, p. 108-112, 2012. Disponível em: <<http://eltj.oxfordjournals.org/content/66/1>> Acesso em: 14 mai. 2012.

LANKSHEAR, C. et al. **Teachers and techno literacy: managing literacy technology and learning school**. Australia: Allen & Unwin, 2000.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Introduction - Digital literacy: concepts, policies and practices. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. In: **Digital literacies: concepts, policies and practices**. Peter Lang Publishing, New York, USA, 2007.

LEMO, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MOITA LOPES, L. P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 49 (2), p. 393-417, jul./dez.2010. Disponível em: <[http://homolog.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://homolog.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200006&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 09 jul. 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna - DCE**. SEED: Curitiba, 2008.

ROSENBERG, Anthony J. Multiliteracy and teacher empowerment. **Critical literacy: theories and practices**, vol. 4, n. 2, 2010. p.7-15. Disponível em: <<http://criticalliteracy.freehostia.com/index.php>> Acesso em: 12 jun. 2012.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

STREET, B. V. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issue in comparative education, teachers college**. Columbia University. May, 12, p. 77-91, 2003. Disponível em: <<http://www.tc.columbia.edu/cice/Issues/05.02/52street.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2012.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.